

TENDÊNCIAS

19 JAN 1990

Não há dólares para credores

Os juros atrasados já começam a se acumular e a taxa de câmbio não anima os exportadores

ROBERT APPY

O problema da dívida externa será uma das maiores preocupações do futuro governo. O presidente eleito, Fernando Collor, terá como herança juros atrasados num montante de US\$ 4,8 bilhões, admitindo-se que até 15 de março o Brasil queira regularizar sua situação com o Clube de Paris. Além disso, as chances de um elevado saldo na balança comercial deste ano são poucas, já que o governo está demorando para reajustar a taxa cambial. O cruzado novo, caro em relação ao dólar, vem inibindo as exportações.

No ano passado, o saldo da balança comercial somou US\$ 16,1 bilhões. Com esse superávit, o Brasil conseguiu pagar US\$ 5,7 bilhões em serviços (excluindo juros sobre a dívida externa), valor elevado por causa do forte aumento das remessas de lucros e dividendos. Dos juros devidos, US\$ 10,3 bilhões, foram efetivamente desembolsados somente US\$ 5,5 bilhões, o que resultou em atrasados no valor de US\$ 4,8 bilhões, mas permitiu um superávit em conta corrente de US\$ 4,9 bilhões.

As amortizações a serem pagas somaram, em 1989, US\$ 13,7 bilhões. Como só havia US\$ 4,9 bilhões de saldo na conta corrente, o Brasil conseguiu um refinanciamento no valor de US\$ 8,2 bilhões, mais US\$ 2,5 bilhões em dinheiro novo. O resultado foi um saldo positivo de quase US\$ 2 bilhões, o que explica o aumento das reservas brasileiras.

EXPORTAÇÃO MENOR

~~Bancos de capital~~

Com a demora em reajustar a taxa cambial, dificilmente o saldo da balança comercial neste ano poderá superar US\$ 10 bilhões. Apenas com o pagamento dos serviços, calculados em US\$ 4,5 bilhões para este ano (menor remessa), poderá sobrar US\$ 5,5 bilhões. No entanto, sem considerar os atrasados em 1989, os juros devidos poderão chegar a US\$ 8,9 bilhões. Assim o Brasil possivelmente conseguirá pagar aos organismos internacionais cerca de US\$ 1 bilhão, mas dificilmente terá recursos para os bancos comerciais (US\$ 8,8 bilhões).

Se o País deixar de pagar aos bancos comerciais, mantendo o saldo de US\$ 4,5 bilhões, ainda terá de enfrentar amortizações de US\$ 13,3 bilhões, contando apenas com refinanciamentos da ordem de US\$ 6,5 bilhões. Admitindo-se que sejam obtidos empréstimos no valor de US\$ 2,2 bilhões do FMI e do Banco Mundial, sem o pagamento dos juros devidos, ainda haverá um déficit a cobrir com as reservas. A situação cambial não é nada confortável, sem considerar os juros atrasados, que acumularão US\$ 13,6 bilhões neste ano.

Diante dessas perspectivas, Collor precisa conseguir uma boa negociação para os atrasados, empréstimos mais vultuosos dos organismos internacionais, maiores investimentos estrangeiros e conversões em grande escala de dívida em capital de risco. Um bom desempenho das exportações só será possível com uma maxidesvalorização do cruzado novo, o que somente poderá resultar em maior abertura da economia e maiores chances para regular os preços.